



Director — António Dantas, filho
 Secretário da Redacção — António Geraldo
 Editor — António A. Carvalho Júnior

Quinzenário Académico
 Propriedade da Empresa de O CALOIRO
 Guimarães, 15 de Janeiro de 1912

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 Rua de Gil Vicente, 93 — GUIMARÃES
 Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaraneuse
 RUA DE PAIO GALVÃO

O nosso jornal

Dizem que leva o vento as palavras, e que de factos vive o homem, e só neles crê confiadamente.

Pois bem. Às nossas palavras, prometendo fazer progredir o jornalzinho, correspondem, já hoje, dous factos algo eloquentes.

Alargamos um tanto o campo do nosso batalhar e modelamos em lapis de artista o baptismo do nosso menino.

Estes dous gestos risonhos do *Caloiro* farão ver às gentes amigas que a nossa actividade quer bem servir a classe académica e mostrar o seu lidar, o seu afan porfiado.

Hemos recebido amostras várias de apreciável colaboração e sentimo-nos animados nesta cruzada santa do nosso amor pela grei a que pertencemos.

Perto e longe, entre os que nos cercam e os que nos estimam, nas cidades e nas aldeias, este órgão da rapaziada estudiosa deseja entre todos o carinho sentido e o affecto progressivo.

Para os conseguir, continuaremos a envidar todos os esforços da nossa boa vontade.

E, como dizem que muito pode quem muito quer, estamos esperançados em que ao nosso esforço há de corresponder sempre o favor público de quantos se prendem á classe que representamos.

Com esta esperança nos acalentaremos e, nela firmados, olharemos sorridentes o caminho do Futuro!

Imagens simbólicas

No crepúsculo de uma tarde de inverno, nas penumbras dos arcos voltaicos da pequena cidade, atravessam duas figuras hesitantes de mulher que ligeiramente transpõem o pequeno *boulevard* e a seguir escondem-se no vestibulo de uma igreja fronteira.

Emocionados com a visão fantástica daquelas imagens simbólicas que áquela hora procuravam algum *rendez-vous* nos clubs da alta sociedade, onde a música de Gounot se faz ouvir por entre o barulho estridente dos tacões elegantes no cruzamento da valsa, ou alguma missão, oculta aos olhos dos livres-pensadores, dirigimo-nos para o local onde aquelas figuras desapareceram subitamente.

Ao aproximarmo-nos, sons vagos e confusos emanavam do interior duma pequena igreja, como que a responder á nossa curiosidade que cada vez se accentuava mais, ao passo que a cadência daqueles sons vibrava na nossa alma como os versos voluptuosos de Zoheir. Não resistimos á tentação de ouvir áquela hora da noite um bocado de música religiosa, nem de conhecer de perto aquelas figuras de mulher que á sombra de um preconceito religioso exibiam as suas *coquetteries* á luz das tochas das igrejas.

Quando transpusemos os umbrais das portas e volvemos os olhos pela grande nave, nuvens brancas de incenso inundavam a abóbada daquela igreja misteriosa, e sons dolentes, como cânticos litúrgicos ecoavam pelos claustros contíguos, cujas colunas augustas, simbolos de sabedoria e de força, estavam abatidas e humilhadas pela profanação de muitos que ali entravam.

Cá fóra, rajadas de vento sibilavam nas embocaduras das ruas e compeliam os transeuntes com um frio siberiano. As duas figuras de mulher, que há pouco corriam apressadas ao longo do *boulevard*, jaziam como que extasiadas, de joelhos, em frente dum altar iluminado por elegantes e ricos candelabros que lhe davam um realce encantador e majestoso.

A um simples volver de olhos deparamos com dois rostos pálidos e indecisos, sugerindo-nos a imagem daqueles rostos enfraque-

cidos que saem das profundidades misteriosas dos quadros sagrados ennegrecidos pelo tempo e pelo fumo dos círios. Um sacerdote de cabelos brancos ecoava salmos latinos a quem a multidão respondia efusivamente. Nos genuflexórios permanecem aquelas mulheres simbólicas, de rosto indiferente, corpo esguio e olhar duvidoso e penetrante, a prenderem a atenção do auditório religioso com os seus vestidos, mais próprios para um teatro de ópera do que para um edificio sagrado.

Os olhares repulsivos dos assistentes e o calor ofegante dos tocheiros produzia-lhes um mal estar que por vezes as impelia a abandonarem aquele lugar.

Confundidas com os olhares furtivos duma multidão indignada, estavam hesitantes diante do desenrolar daquela scena pavorosa, e, perplexas ante os sons vagos e confusos que se apagavam no espaço, abandonam timidamente a igreja, quando de repente se ouvem os sons melódicos duma guitarra, acompanhados duma voz maviosa que enlevava a alma com aquelas harmonias românticas da mocidade sonhadora. A essa hora já a cidade repousava no silêncio misterioso da noite e a lua amortalhava com o seu manto de púrpura a Humanidade adormecida.

As duas mulheres simbólicas, sentiram-se invadidas por aquele sentimento de orgulho e voluptuosidade, próprio das horas de pura ilusão que parecia arrebatá-las para um mundo de sonhos, ao ouvirem a cadência de algumas estrofes e a harmonia divina daquela música misteriosa.

Pensavam consigo: seremos nós as musas inspiradoras daqueles estros sonhadores que nos vem saudar numa hora humilhante, e cuja voluptuosidade não conseguimos encontrar na música religiosa daquela igreja? O! Como somos felizes!... por termos quem nos suavize com melodias românticas em momentos amargurados duma vida fictícia?...

Ao pensarem nisto, aquelas faces pálidas e indiferentes coloriram-se ténueamente.

Uma espécie de aura vibrante envolvia-as com a rapidez dum pulso febril, e a sua acção era tam continuamente pesada que lhes entorpecia cerebro e múscu-

los. De repente, por aqueles seres irradiou um espirito de gentileza tam viva que fazia lembrar «aquelas doces mulheres ligadas á imaginação de Dante, quando ainda jovem», de cujos lábios caíam de vez a vez lágrimas casadas com suspiros, como cai «a água misturada com a neve». Eram as lágrimas duma triste desolação!...

Já não se ouviam mais os sons dolentes da guitarra misteriosa; apenas o piar lúgubre dos mochos ecoava do cimo dos campanários pelas extensas avenidas, apagando-se em seguida no profundo silêncio nocturno. Então o gesto daquelas imagens que parecia arrojado e grave, transformou-se no dum doente que toca uma cousa viva com a vaga ilusão de que lhe deixa ao seu contacto «alguma pequena parte da sua vitalidade», como as mariposas deixam o pó passageiro das suas asas. A abóbada celeste tingia-se duma palidez nivea, e as arvores recebiam a geada sobre os seus ramos que, dissimulavam as atitudes dolorosas das desditosas mulheres no momento da sua passagem.

Uma forte rajada de vento levantava nuvens de pó que toldava os olhos dos transeuntes e agitava violentamente os chapéus daqueles simbolos que desapareciam na sombra...

A. D.

Efeitos da intáctil

A lei de separação, decreto do Governo Provisório da República Portuguesa, veio ferir duma maneira assás rispida a consciência geralmente católica do povo lusitano.

O clero protesta enérgica e veementemente contra tal documento que profana a sua consciência de pastores da Igreja, mas o Governo, por tal atitude, pune-os severamente. E os prelados, principalmente os da Guarda e Lisboa, inabaláveis no seu pôsto, enviam ao ministro da justiça maravilhosos protestos, nos quais, por uma forma brilhante, verdadeiramente prodigiosa, criticam a obra do ex-ministro Afonso Costa, merecendo assim respeitosas saudações da opinião sensata do

país e até mesmo do estrangeiro. E o poder civil, vendo que os bispos sabem contestar juridicamente os artigos da separação, e que o povo os aplaude, desterrando-os das suas dioceses durante dois anos, mandando-os para o amargo exílio, onde não possam levantar, bem alto, o seu grito de violento protesto. E assim, dêste modo, antes prefeririam subir até ao cadafalso do que abdicar dos seus deveres. Belo exemplo!

Apesar disso, entretanto, ainda há padres, que são o verdadeiro desprêso da Igreja, porque aceitaram a pensão concedida pela intactil. E o governo republicano julgando que a lei da separação há de ser o seu triunfo, extinguindo em tres gerações o catolicismo em Portugal, acha-se completamente enganado. Ninguém, absolutamente ninguém, quer pela força das armas, quer pela arrebatadora eloquência de belos oradores, pode fazer com que um povo deixe de seguir os ditames da sua consciência.

Porisso, sendo a nação portuguesa católica não é o Governo que há de acabar com a religião dos nossos antepassados, cumprindo á risca o tal documento que o ex-ministro da justiça do Governo Provisório, chamou «Separação do Estado das Igrejas». Não, mil vezes não!

E já em brilhantes editoriais o grande jornalista e corajoso revolucionário de 31 de Janeiro, Antonio Claro, o mostrara ao povo, e ninguém está mais apto para o dizer, do que elle.

Embora o governo seja secundado, no cumprimento da intactil, pelos republicanos do Pôrto e Lisboa, ao resto do país repugnante semelhante decreto, chegando mesmo a apeliá-lo de vexatório e expoliador. Que importa que Alfredo de Magalhães dissesse que a lei se havia de cumprir, embora com as armas na mão? Representa elle, porventura, o parecer unânime do país? Certamente que não.

E, senão fôsse esse decreto, talvez a estas horas a República caminhasse triunfante na sua marcha, aplaudida vibrantemente pelo povo. Mas assim caminha a custo, porque o dr. Afonso Costa com tal decreto veio crear atritos, que não sei se serão vencidos, impedindo assim a boa marcha dos negócios da nação.

Não se deixe o governo iludir por meras fantasias de meia duzia

de republicanos; ceda, prudentemente, ás tradições nacionais e há de ver como amanhã a República é o regimen amado da povo português.

E. T. Ribeiro.

«O Caloio,

Enviamos o nosso jornal pela primeira vez a várias pessoas a quem desejamos dever a fineza da sua assinatura. Caso não se dignem assiná-lo — o que sentimos — queremos dever o favor da devolução.

NOTAS DA QUINZENA

Os Reis

Não passaram despercebidos os dias 5 e 6 do corrente em que o Catolicismo celebra a adoração dos Reis Magos ao Messias.

Diversos grupos, na forma dos anos anteriores, percorreram diferentes casas da cidade, recolhendo as *boas-festas*, embora nos seus cantares dissessem dá-las.

O grupo que mais se destacou, por mal pôsto e inoportuno, foi o das *chinesas*.

Esses não cantavam os Reis, nem coisa que o parecesse, e depois duma algaraviada de mil demónios, pediam para lhes passarem a *massa*,

A música era bonita e bem executada, mas os versos atribuidos pelos *dançadores* ao Rev.º P.º Lima, eram detestáveis na construção.

Aí vão umas amostras:

Chegaram hoje mesmo a Lisboa as curandeiras,
Que vem a Portugal aos seus filhos bichos tirar.
E mostrar á cirurgia as suas obras caseiras,
Fazendo ver os cegos até nas noites sem luar.

Vivam as chinesas,
Tratemos de as saudar,
Usemos das delicadezas,
Que se costumam empregar.

E assim por diante. De doze quadras apenas uma se aproveita no que toca a medição.

Versos maus e mal cantados, produzem um efeito desastroso.

Note-se: nós fazemos esta apreciação da *letra* por nos dizerem que é do Rev.º P.º Lima; porém como conhecemos algumas poe-

sias bem feitas do mesmo autor, fazemos-lhe a justiça de acreditar que os *dançadores* se serviram abusivamente do seu nome.

Ou não seria?

Regeneração

Há dias antes de recolhermos a *vale de lençóis* fomos fazer um serviço habitual e obrigatório e para matar o tempo pegámos num papel que pelo tipo miudinho devia ser um fragmento do «Seculo» e deparámos com as seguintes palavras de Luz d'Almeida, chefe da Carbonária:

«A Carbonária não cumpriu ainda a sua missão. Os seus membros comprometeram-se a promover a regeneração completa da sociedade portuguesa, viciada pelo constitucionalismo monarchico e peja poderosa reacção religiosa. Esse trabalho utilitário não pode efectuar-se em poucos dias. E' preciso continuar-se, decididamente, o que já se fez, nesse sentido. Além disso, a Carbonária tem de velar pela consolidação e segurança da República e velar, também, pela manutenção de todas as liberdades exigidas pelo povo português.»

«Ela será como que a sentinela vigilante contra todas as ditaduras e abusos de poder, porque, é bom dizer-se, tanto as ditaduras como as violências governativas terminaram no dia 5 de outubro, porque assim o quis a vontade popular, que é soberana.»

Deitamo-nos sob uma boa impressão que produziram em nós estas palavras, e alta noite tivemos um pesadelo horrivel, sonhando com milhares de mortos e feridos pelas bombas da seita, com as prisões atulhadas de cidadãos pacíficos arbitrariamente presos, com os selvagens ultrajes aos presos políticos, com os incêndios do Pôrto e Braga, um inferno.

Quando acordámos, bendissemos essa *sentinela vigilante das liberdades* e essa *regeneração sublime* pelo terror das bombas, dos cárceres, dos apupos, dos assaltos e dos incêndios.

A Separação

Acaba de levar um *chaço* a Lei de Separação.

Não foi deitado na própria lei,

mas vimo-lo aí pelas esquinas em *Edital* de que respigamos os seguintes artigos:

«7.º Ainda quando, até 31 de dezembro de 1912, se não organizem cultuais em algumas freguesias, ou as irmandades nelas existentes não queiram encarregar-se do culto paroquial, nem por isso o Estado fechará as suas igrejas onde estejam, por direito ou uso antigo, erectas irmandades e confrarias, as quais poderão continuar a exercer o seu culto por intermédio dos seus ministros privativos.»

8.º Se as igrejas fôrem abandonadas pelos parocos ou estes não quiserem cumprir os seus deveres para com os fieis que lhes reclamem, a culpa é sómente dos ministros da religião, pois a República em nada concorre para isso, antes faculta, por todas as formas, a maior liberdade de consciência e de culto.

O que fica exposto resulta claramente da lei, e afirmar o contrário só revela o propósito de atacar, sem justa causa, a República e suas leis.

Depois duma campanha cerrada como a que contra a Igreja Católica se tem movido, chamava-se, nos nossos tempos de instrução primária, transigencia ao primeiro destes artigos e incoerência ao segundo.

Presentemente que tudo está mudado, nós que ainda não atingimos as culminâncias do saber, não podemos dizer o que seja, e não nos admiraremos se lhes ouvirmos chamar, respectivamente, firmeza de actos e conexão de pensamentos.

Chamem-lhe o que lhe chamarem; o que se vê ao de cima é que ou a letra da lei é aquela do art.º 7.º e portanto não havia ninguém que tivesse autoridade para mandar fechar igrejas, pois com certeza em todas há irmandades erectas; ou não é, e o sr. ministro da justiça vai tratando de aparar as arestas á lei.

Mas se é, como se vê da declaração do art.º 8.º, o sr. ministro, para que o povo a tome a sério, deve providenciar para que sejam imediatamente punidos por abuso de autoridade os funcionários que haviam ordenado o encerramento de várias igrejas, visto que desta forma se converteram em *inimigos das instituições que desejam perturbar a ordem e o progresso da República, enganando o povo e impondo-lho doutrina contrária á consignada nessa lei que garante a mais completa liberdade de consciência e prática de culto.*

Porque... ou é, ou não é!

FOLHETIM

Bando Escolástico

Edição primitiva
(PARTE)

Um ano mais volvido e a festa a Nicolau,
Sem ver que é caro o azeite, o vinho e o bacalhau,
Se faz mais uma vez com estrondo e galhardia,
Como era justo esp'rar da nossa academia.
A mocidade é assim. Desconhecendo dores,
Só pensa em divertir-se, em cantar seus amores.
A vida é isto, ó loira e fresca mocidade!
Querer ver-te a chorar em tão risonha idade...
E' ser muito cruel querer atrofiar-te...
Então fôra melhor duma só vez matar-te!

Carvalho enfatuado, enrista uma vareta
De velho guarda-sol e escreve p'ra a gasetta:
«Que a festa já não tem do Povo a simpatia,

Nem graça, e que é *gramada* assim por cobardia».

Carvalho amigo quer ver a festa acabada,

Reduzida a silêncio a nossa zabumbada,

P'ra poder escrever as suas chinesices,

Dizendo asneiras mil, e mil parlapatices.

Não é um carvalho assim, de casca grossa e testa,

Que recuar nos faz. O Povo quer a festa.

Unido á mocidade, assim de par a par,

O Povo quer rir muito, o Povo quer brincar.

A festa não acaba, a festa há de viver!

O teu enfatuamento, esse é que há de morrer,

E nós havemos de ir acompanhar a tumba

Carpindo a tua sorte a toques de zabumba.

Hoje é tudo mudado. Até o destino quis

Que no antigo logar do nosso chafaris

Fôsse erguido o padrão da nossa maior glória,

Do Rei Conquistador a brônzea memória.

Mas não se julgue, só dêsse facto iracundo

De o nosso chafaris, que assombrava o mundo,

'Stat hoje substituído pela brônzea figura,

Que pode um Zé qualquer, armado de finura,

Sinapismos...

"O Caloio,"

Temos *el gusto* de participar a todos os assinantes e leitores, que o *Caloio* é bacharel formado em medicina... *vergueiro* etc., pela Universidade de... *Fafe*.

Como tal, vai responder a algumas consultas que lhe foram pedidas sobre a *epidemia* que grassa nesta cidade, para de pronto lhe serem aplicados os medicamentos necessários a fim de obstar a que se propague.

O *produto químico* que melhores resultados oferece não é o 606, mas sim os *sinapismos* de variadas marcas e fabricados sob a direcção do *Caloio*.

Sempre que o povo desta cidade tenha conhecimento de mais alguma doença que se manifeste por aí, queiram participá-lo para esta redacção, que o nosso doutor rapidamente receitará.

Vamos principiar a responder ás consultas.

Salão Etoile

A doença que martiriza este padecente é introduzir no seu ambiente mais povo do que permite a lotação da casa, produzindo incómodos na vista, indisposição no organismo, dores nevralgias, etc., etc.

Para estes males, manda o doutor aplicar-lhe sinapismos marca «LEI» que dão excelentes resultado, sendo bem assentes.

O doente torcer-se há, para a direita, para a esquerda, o que nada prejudicará, segurando-o bem.

Grandes movimentos de... finas cartolas se verão que poderão estragar o efeito, mas se o... enfermeiro o tratar como deve, ficará curado.

Aqui deixamos a receita, dependendo o bom resultado de... quem o tratar.

O correio

A moléstia dêste é crónica e por conseguinte é preciso lançar mão dos últimos recursos da ciência.

Temos sinapismos duma marca que deve curá-lo. Já se lhe apli-

cou um, mas não da marca que agora receita, e os resultados não foram satisfatórios; vamos ver se este lhe fará bem.

O doente é magrinho, só tem um pulmão que trabalha, e... é *mirolha*, não vê dum olho.

Para que ambos os pulmões funcionem e veja bem dos dois olhos, é necessário aplicar-lhe alguns sinapismos — um não chega — marca «landreiro», óptimos na cura do reumatismo, gota, desleixo, impertinência e todos os males daqui derivados.

Vendem-se na farmácia *Cesteiro em Comandita*, á Rua de Paio Galvão, e aos sábados estão no Largo da Misericórdia os fornecedores com grande quantidade que vendem a preço reduzido.

Dêste não tem o Alves Mendes, e aconselhamo-lo a que os mande vir, pois o *Caloio* receitará muitos.

Para engordar não há sinapismos; é tomar a *Emulsão de Scot* com um X.

Depois dêste tratamento, senão der resultado, receitará outro.

Uns pequerruçinhos

Mais uns *doentinhos* pedem ao nosso incansável doutor um remédio eficaz para a vista.

Coitados! Não vêem um palmo adiante do nariz; que se lhe há de fazer?...

O dr. recomenda-lhe banhos de mar e friccionar com sêbo a parte afectada; este tratamento durante alguns dias fará com que abra bem os olhos.

Houve alguns meninos que só viram *O Caloio* ao 2.º número e tiveram o descaramento de ficar com o primeiro e devolver o 2.º. Quem já o recebia noutra qualidade, é desculpavel; mas os outros pensavam naturalmente que era a *mófo*. Não; dêsse artigo, não há na casa.

Outros padecem do mal — a falta de limpeza; a estes aconselha o dr. os sinapismos marca «água fresca» que são muito baratinhos e evitam que dêem a triste ideia de serem porcos.

Chegaram a esta redacção alguns exemplares devolvidos de *O Caloio* que vinham *limpinhos* que era um primor!

Torna-se de necessidade a aplicação dos sinapismos para que uns vejam bem e outros vejam bem e não sejam *sebentos*.

Pelos Liceus do país

Pôrto 12.

Efectuou-se na passada terça-feira uma reunião da Tuna Académica dos Liceus do Pôrto com o fim de discutir os estatutos, como também as excursões a realizar no presente Janeiro e próximo Fevereiro.

Usaram da palavra além do presidente, sr. Marcos Silva Matos, outros académicos, sendo tudo resolvido de comum acôrdo.

Tem decorrido no maior entusiasmo os ensaios da mesma.

Boby.

Eseolas normais

Aos individuos com o curso de preparatorios dos seminários portugueses.

O «Diario» de 8 do corrente publicou a lei votada pelo Congresso Nacional, permitindo a matrícula no 2.º anno das escolas de ensino normal — periodo transitório — aos individuos habilitados com o curso completo de preparatórios dos seminários portugueses e que mereçam a aprovação num exame de entrada.

Quem desejar comer saboroso e puro pão de trigo, é comprá-lo na Padaria Brasileira, á rua da Liberdade (antiga rua da Alegria).

"A Concordia,"

Conta um ano de existência este bem redigido colega beijense.

Dêste canto minhoto, envia-lhe *O Caloio* sinceras saudações, agourando-lhe uma longa vida muito venturosa.

Rectificando

Por lapso, passou no último numero uma gralha na noticia que demos dum futuro enlace.

Foi o sr. Abade de Palmeira e não de Polvoreira, como lá se dizia, quem pediu em casamento para o sr. Jacinto Basto a sr.ª D. Maria José Machado.

Brinde

Recebemos um elegante calendário que o sr. Manuel Lopes Guimarães, Sucessor, proprietário do Armazém de Ferragens e Cutelarias, á Rua 31 de Janeiro e sócio da firma Eduardo & Silva que explora a Fabrica a Vapor de Pentes de Chifre e Celuloide, se nos dignou oferecer: o que muito agradecemos.

Tentativa de suicídio

Um caso comovedor se passou na Rua da Liberdade (antiga Rua da Alegria).

Um individuo perdendo o amor á vida, lançou-se da janela dum 5.º andar á rua e foi dar com o corpo na... Padaria Brasileira, onde se sortiu do especial trigo que ali se fabrica.

Prontos socorros lhe foram prestados pelo nosso amigo César, proprietário da dita padaria, que não se poupa a trabalhos para que o público seja bem servido.

Representantes de «O Caloio»

São representantes de *O Caloio* os nossos amigos e colegas de 6.ª classe, Joaquim Roberto de Carvalho, no Porto e José Mendes Ribeiro, em Braga. Em Santo Tirso, o nosso amigo Adriano Fernandes.

Aos nossos colaboradores

Lutando com falta de espaço, não nos foi possível dar publicidade a alguns artigos, pelo que pedimos desculpa aos seus autores.

Conferência

Realizou-se na noite do dia 6, no teatro D. Afonso Henriques, como estava anunciado, a conferencia socialista, promovida pelas associações operárias desta cidade, sendo conferente o deputado socialista Manuel José da Silva.

Falaram vários oradores além do conferente, defendendo todos o seu ideal.

Vir cá meter bedelho á festa de estudantes;
Pois se apanhado fôr algum dêsses tunantes,
Irá perante a estátua, e mesmo de roldão,
E ali aprenderá a velha tradição...
E depois de saber o pêso da vingança
Comendo a *sopa de urso* assim, na velha usança
Irá logo cavar... batatas, que é da moda,
Nos mimosos torrões que ali ficam á roda.

Querida Guimarães! oh! Como tu és linda,
Soberba, majestosa e mais coisas ainda!
Nada te falta já; tens tudo quanto é bom;
Água e luz a granel, jardim do *ultimo tom*.
Avenidas tu tens e *ruas espaçosas*.
Em ti só se respira o *perfume das rosas*.
Porém ainda te falta o que te é mais preciso
— Juízo, Guimarães, muito senso e juízo.
Quando dentro de ti alguém ouse afirmar
Em político brinde, ao fim dum bom jantar,
Que votos não pediu para alguma eleição
Tendo sido cacique, oh! corre o intrujão.
Se alguém ousa dizer em um logar idêntico,

Embora se intitule um *João Semana* autêntico,
Que nunca pediu nada á finda monarquia,
Tendo-lhe êle pedido uma qualquer fatia
Na Escola Industrial ou mesmo no Liceu,
Não consintas em tal, encara esse sandeu
Dizendo-lhe que mente; e ajunta em tom funéreo:
— *João Semana* foi sempre um velho muito sério.

Tricanas desta terra, ó ledas costureiras,
Ouvi o que vos digo, e vós também, sopeiras...
E' morta esta nossa alma. Os nossos corações
Cansados de pular num mundo de ilusões
São já mortos também. Não há já um sorriso
Que nos faça lembrar o doce paraíso
Onde habita o amor. Como um cão sem dono,
Andamos por aí, da rua ao abandono,
Sem que uma mão amiga, um peito amante e são
Nos dê uma nova vida, um novo coração.
Tricanas! Costureiras! Hoje vós todas juntas,
Fazei já reviver nossas almas defuntas.
Fazei-nos *bicha-gata*, e ternos *tagatês*...
Dar-vos hemos em paga os mais lindos *nénés*...

O conferente expôs a sua attitude no parlamento, atacando os deputados republicanos que, segundo êle diz, fôram para o parlamento tratar da reles politiquice, pondo de lado os interesses do país.

Infelizmente é a pura realidade, mas... que fazer?!

Segundo o que nos consta falou o snr. A. L. de Carvalho, mas como não podemos assistir até ao final da conferência, limitamo-nos a transcrever da «Voz do Povo» o que sôbre o mesmo ela diz:

«Tambem fez uso da palavra o sr. António de Carvalho, redactor do jornal a «Alvorada» de Guimarães, o qual desejou defender o projecto de lei sôbre accidentes no trabalho, não mostrando porém quais os seus beneficios, o que motivou uma réplica do nosso amigo Manoel José da Silva, que lhe refutou com vários dados a exposição do sr. Carvalho.»

Quinzena

Encontram-se algo incomodados os nossos assinantes e amigos, srs. Abel Cardoso, professor da Escola Industrial Francisco de Holanda e Joaquim Novais.

Rápidas melhoras são os nossos desejos.

Acentuam-se as melhoras do nosso colega António Vieira.

Já restabelecidos, estão o snr. Padre Gaspar Nunes e a snr.^a D. Leonidia de Jesus Eugénio César, esposa do nosso assinante e amigo Alberto César.

Bando Escolástico

Satisfazendo o pedido de alguns colegas e amigos, damos hoje publicidade ao Bando—uma parte que foi substituída—que deveria ser recitado por ocasião das Festas Nicolinas e não o foi por vários motivos.

A' SOMBRA DOS CIPRESTES

Condessa de Margarida

No derradeiro dia do ano findo, quando o nosso jornal visitava os lares amigos, na tarde dêsse lindo e triste dia, exalava o suspiro último a estimadissima Senhora Condessa de Margarida.

Bem depressa Guimarães inteira soube da sentidissima morte da illustre titular. E nobres e plebeus, ricos e pobres, amigos e inimigos (tambem os teria, aquela alma

dum anjo??!), todos referiam com palavras amarguradas o passamento inesperado da gentilidalga.

Se nesta terra, boa e generosa, há corações que se destaquem na arte de fazer bem, nenhum coração certamente pôde e quis fazer mais e melhor do que a pranteada morta.

Se a pura caridade do Evangelho tem na terra sequazes modelares, raros ultrapassarão as raias da bondade da Senhora Condessa.

Porisso nos não maravilhou o entêrro concorridissimo que teve.

Porisso achámos sómente que as homenagens prestadas á saudosa extinta estiveram á altura da veneração em que todos a tinham.

Certamente que descansa em doce paz a sua santa alma. E já é tarde para apresentarmos a todos os seus os nossos cumprimentos de pesar.

Francisco Paredes

Depois de dilatado padecer, faleceu êste arrojado bombeiro voluntário, que deixou seu nome gravado nos anais gloriosos da corporação a que pertencia.

Era condecorado com a medalha de prata de 25 anos de serviço e com a medalha de valor pelos heróicos serviços prestados ao seu próximo.

Os officios funebres foram reali-

zados na capela da V. O. T. de S. Francisco com assistência da direcção e corporação dos bombeiros.

O seu cadáver foi conduzido para o cemitério numa carrêta e coberto com a sua bandeira, sendo acompanhado por toda a corporação e uma banda de música que durante o trajecto executou uma marcha fúnebre.

Paz á sua alma.

Vende-se

Um carrinho, garraño e arreo, junto ou separado.

Dirigir ao solicitador Pimenta.

ALUGAM-SE

Um escritorio com o n.º 100 e uma cocheira com o n.º 96 na rua 31 de Janeiro desta cidade.

Vende-se a casa nobre n.º 45—S. Bento—.

Dirigir ao solicitador Pimenta.

Fotografia Carvalho

Á Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excellentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotograficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame desde 600 a dúzia.

Ampliações inalteráveis desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos. 19

GUIMARÃES

Admite alumnos internos, semi-internos e externos, para instrução primaria, secundaria e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas á direcção

O CALOIRO

Quinzenário Académico

Ex.^{mo} Sr.

O CALOIRO

Quinzenário Académico

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Semestre 240 rs.
Trimestre 120 "
Numero avulso 20 "
Pelo correio aumenta 60 reis para o porte e cobrança.

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.